

O GAIATO

Quitzenário * 1 de Março de 1986 * Ano XLIII — N.º 1095 — Preço 10\$00

PORTE PAGO

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo



O GAIATO — Peregrino do Senhor — faz, hoje, quarenta e dois anos. Se nunca chega aos cumes verdejantes, sabe, porém, que o importante é dar, todos os anos, mais um passo nessa direcção. Apaixonado Peregrino do Reino!

Aniversário d'O GAIATO

■ Aniversário? Pois! Faz, hoje, quarenta e dois anos o nosso O GAIATO. Sabemos que todos os Leitores se alegrem connosco por mais esta caminhada do Peregrino do Senhor. Se nunca chega aos cumes verdejantes, sabe, porém, que o importante é dar, todos os anos, mais um passo nessa direcção. Apaixonado Peregrino do Reino!

Nem sempre é fácil a travessia de cada etapa no deserto. A dificuldade é nossa porque cheios de pequenez... E, por tal, nem sempre alumia os teus passos por entre as dunas. Perdoa!

■ Precisamente, hoje, fui à Rua da Vitória, no Porto. Encontrei no pátio uma velhinha que visitamos e com ela subi os degraus gastos do casarão gigante e apodrecido. Lembrei, na subida, os passos silenciosos de Pai Américo nestas fontes de Luz, onde, do seu coração, manou a voz dos Pobres. Todas as quinzenas, há quarenta e dois anos, esta voz — sino e luz no cimo do monte.

■ Desci, também, a Rua Rocha Soares e entrei na casa da Assunção...

Rico bolo de anos! A festa no lugar do nascimento! A tua vida, «Famoso», a partir daqui. Não procures o alimento e a pujança noutros locais. Só aqui, nas casas escalavradas dos Sem-voz.

Eis:
A cave da Dona Assunção é despejo das famílias do [prédio, velho e apodrecido, parque de moscas que dançam [no ar.

Quando lá desço, nuvem pesada e rápida como o vento me envolve. Perco o sentido das flores, dos dias de sol, das margens verdes dos rios e do mar. Fico olhando no estreito [corredor

as crianças, coisas de cozinha, o pote, roupas e sacos de plástico... As crianças sorriem. Sorrisos, flores-pálidas na sombra escura dum bosque. Seus olhares mergulhados num infinito vago, nada concreto, distantes. Vou mesmo beijar os olhos [castanhos,

sem rumo, vaga-lumes em noites de bréu... Noite sem estrelas no coração da Assunção!

■ «O Senhor veio trazer o Fogo à terra e quer que Ele se ateie.»

Pois que Ele nos ajude a mantê-lo aceso nas páginas d'O GAIATO para que leve ao teu coração um pouco de calor. Quem o mantém?

Cont. na 4.ª pág.

Semear

Desta vez, foi um grupo numeroso de alunos da Escola Preparatória que veio visitar-nos. Tivemos um encontro a sós e explicámos o que somos. É preciso semear em todas as fases da vida. A adolescência necessita de pontos de referência muito sedutores. Que sejam valores com a firmeza de uma rocha e a imensidão do espaço para voar. Estes corações em pleno crescimento não podem ser atrofiados. Aqui, os educadores, os pais, os irmãos, a família, a instituição são o espelho. Que responsabilidade! Depois de semear — que é, afinal, o que mais importa — a colheita virá a seu tempo, quando, como, onde, não sabemos. Importa semear!

Por isso, nas visitas que estes grupos nos fazem, não queremos que se vão sem levar uma mensagem. Ela está à vista, em parte. Outro tanto está escondido por detrás da beleza da Aldeia dos Rapazes, das características dos seus edifícios, da configuração do terreno e de muitos outros pormenores.

Há dias, foi o encontro com esse grupo de adolescentes e jovens, Gostamos de uma imagem muito singela para explicar o que é a Obra da Rua: a imagem da árvore, a imagem da planta. A semente foi posta na terra — o coração de Pai Américo. No silêncio dos anos, pela força contida na semente, germinou, cresceu, deu ramos. Um tem o nome — Casas do Gaiato. A sombra dele abrigam-se os que não têm abrigo. É

«de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes». Outro ramo, outro nome — o Calvário. A sombra dele acolhem-se os Sem-esperança: os Doentes incuráveis «sem elra nem beira». Mais outro — e outro nome: o Património dos Pobres, os «pequenos auxílios». A sombra dele acolhem-se todos os que, não tendo casa, querem construir a sua com o único capital que é o seu trabalho, a ajuda dos que vivem o mesmo sonho e a promessa do tecto que vai do Património dos Pobres. São os Autoconstrutores. E esta árvore — a Obra da Rua — está posta para ser Mãe carinhosa dos mais pobres.

Propositadamente ficou para o fim o outro ramo. Também tem um nome — O GAIATO. Hoje está em festa. Faz anos. Gerado pela mesma Força que dá vida à Árvore; esperado com o sabor semelhante ao da mãe que espera o filho. Eilo caminhando sem envelhecer. Cada vez mais apetecido; mensageiro de Vida e de Luz; ponto de referência para aferimento do estado de tantos e tantos corações. Carreirinho que leva «a pastagens verdejantes» os que andam à procura: «Que pena ter-vos conhecido tão tarde! Quero ser assinante...» Recolhe e distribui. É também sinal de contradição. Une as pessoas. Congrega os membros da família. Faz maravilhas unicamente pela Força escondida na Árvore. Um ramo (talvez o mais precioso) da Obra da Rua!

Padre Manuel António

BARREDO

Eu nunca tinha advertido nas diferenças humanas que caracterizavam (e ainda algo caracterizam) as populações das duas zonas ribeirinhas divididas pelo eixo que sobe do Douro, atravessa a Praça da Ribeira e continua pela Rua de S. João.

A leste, o Barredo propriamente dito, com seu cais, seu Mercado, seu Muro e o seu «Miolo», limitado a oeste pela Rua dos Mercadores e trepando

em cascata pelo morro de Penaventosa para se finar onde começa a Sé.

A poente, centrada pelas Ruas da Fonte Taurina e da Reboleira, uma tira mais estreita entre o Cais da Estiva e Muro dos Bacalhoeiros e a Rua do Infante, com uma única via perpendicular ao rio, a Rua da Alfândega.

Não tinha advertido, não, que a miséria de há vinte anos

tinha a mesma face em ambos os lados.

Moravam então na zona onde o CRUAB tem trabalhado, numa área que não chega a 3 hectares, 2209 pessoas, o que dá 812 habitantes por hectare, ou seja um espaço de 12,3 metros quadrados por habitante. Se descontarmos as vias de comunicação e os espaços livres, restavam, no solo ocupado pelos edifícios, em média, 4 metros quadrados para cada morador, chegando este valor, em alguns casos, ao limite impensável de

Cont. na 4.ª pág.

COLABORAÇÃO

Nota da Redacção — Quando a gente se debruça na correspondência dos Leitores, ficamos sempre **queimados** interiormente no Fogo que crepita — e alumia e aquece tantos, não importa quando, onde e quem. Subindo às Alturas, não conta a posição, a classe, o nome! É um mundo d'almas, de corações anónimos — tão abertos! — que transbordam Fogo de Paz. Mais: Ainda que a expressão dum ou doutro (à primeira vista) pareça repetição, no fundo vem lá sempre uma lufada de Boa Nova que penetra no espírito de todos nós.

Pai Américo teve só uma Cartilha, um Livro d'Horas. Só conjugou um verbo: o verbo AMAR que brota do Coração de Jesus de Nazaré, estampado na Obra da Rua, n'O GAIATO — mau grado a nossa pequenez! Ora, se alinhavasse esta nota d'abertura — ou no-la ditasse com pontuação e tudo o mais!, como fazia nos últimos tempos da sua vida terrena — decerto lhe serviria de mote qualquer uma das riquíssimas presenças que aí vão em letra de forma. Quantas delas aguardam vez!, que o espaço não dá para mais e a luz não é para pôr debaixo do alqueire.

Desfraldemos o primeiro pendão, oriundo da assinante 13047, do Porto — a Cidade Invicta:

«Na sociedade de hoje, O GAIATO tem um papel importante: ajuda a ter esperança na Vida.

Neste mundo conturbado onde impera o egoísmo, ele é o repositório daqueles (cronistas e leitores) que têm uma alma consciente, humana, preocupada com o seu semelhante. É a semente do seu Fundador.

Ler O GAIATO é acreditar na Vida — e nos homens.»

Que bem! Uma síntese da mensagem dos Leitores — no 42.º aniversário do «Famoso».

«Junto um cheque como compensação da boa leitura d'O GAIATO.

Termino sempre a leitura deste jornal com lágrimas nos olhos e voz embargada. É de reler o Evangelho e de ver como as pessoas se desapegam dos seus bens terrenos. Oh admirável prática de Religião!

Que Deus vos recompense e me ajude a ser melhor.

Assinante 30092»

«Gosto de ler O GAIATO. A Obra do Padre Américo interessa-me de uma maneira particular.

Aprecio bastante a sinceridade, a franqueza, sobretudo a naturalidade com que apresentam os vossos fracassos, os insucessos, os momentos de dúvida mesmo. Somos humanos e por mais fortes que sejamos, não somos perfeitos. Dá-me ideia que o jornal é um pequeno reflexo do verdadeiro espírito de família que deve existir nas vossas Casas. Por mais feliz e unida que seja a família, há sempre os seus desentendimentos, as suas crises. Os pequenos artigos d'O GAIATO, embora simples, revelam a «saúde» da vida entre vós: não há só alegria, não há só êxitos na educação de rapazes com tantos problemas, há também o resto...

Fico um pouco triste, um pouco preocupada mesmo, quando, por vezes, me apercebo de um certo cansaço, de uma pontinha de desencanto, de desalento que deixais, por vezes, transparecer em alguns artigos. É, no entanto, isto que vos torna diferentes e de certo modo cativantes. O verdadeiro

O «FAMOSO»

espírito de serviço está presente.

Assinante 18248»

«No local onde trabalho, num Banco, tenho promovido com muito gosto a entrega d'O GAIATO e tenho notado, com certa mágoa, que os mais assíduos na sua aquisição são, por vezes, os menos praticantes em matéria religiosa, incluindo até extremistas; no entanto, quando entrei para o Banco, onde agora me encontro, apenas dois ou três queriam o jornal. Hoje, já ultrapassam mais duma dezena. Reconheço, humildemente, que isto não chega para me pôr a bem com a minha consciência e para desculpar os meus atrasos devidos ao trabalho agitado no aspecto laboral e às preocupações constantes que a vida nos proporciona.

Assinante 8487»

«Comigo dá-se um facto curioso com a leitura d'O GAIATO: pego nele, quando o recebo, e a primeira impressão é a de que daquela vez não teria nada que me interessasse para ler. Começo a apalpar o primeiro artigo, depois o segundo e assim sucessivamente. Quando dou por mim, tenho o jornal todo lido, de ponta a ponta,

com certa sofreguidão! É o segredo das coisas simples, mas sinceras!

Assinante 19131»

«Continuo recebendo, regularmente, no Rio de Janeiro (Brasil), o querido jornal O GAIATO. É sempre bom lê-lo. Nós, portugueses, há tantos anos longe da Pátria, sabendo das notícias apenas por aqueles que vão fazer turismo, através do «Famoso» ficamos conhecendo o outro lado da moeda.

Estou enviando a minha anuidade. O restante apliquem onde acharem mais conveniente. Infelizmente, não dá para acabar com a miséria no País!

Assinante 1329»

«Envio parte do meu aumento salarial. Afinal, se ao longo de um ano ele sempre me chegou — graças a Deus! — porque não chegará, ainda, durante mais um mês? A outra

parte foi para outra necessidade também urgente; e, desde que ele seja bem aplicado, é preciso que vá parar aonde possa ter boa utilidade.

Acabo de ler O GAIATO e fico um pouco «desorientada»... Acabo sempre por dizer para mim mesma:

— Afinal, até eu compro tantas coisas que não chegam sequer a ser indispensáveis e há tanta gente que vive na miséria! Para que compro mais um disco de que gosto? Para que compro mais uma planta para pôr em casa? Porque vou comprar mais uma saia ou blusa — quando já tenho umas quatro — e mais um paninho para pôr em cima da cómoda? E por aí adiante.

Mas logo há quem segrede: — Também não se pode andar de qualquer maneira! Há certos compromissos, há certas atenções, há que ter em conta a posição de cada um... Também se uma pessoa trabalha honestamente tem direito a usufruir minimamente daquilo que é seu; e até um pouco de descanso e gozo daquilo que ganha.

Por isso, lá vem a justificação para se comprar mais um livro, mais um bilhete para o cinema, mais alguma comida melhor...

Claro, tudo acaba por ter, de facto, utilidade. Talvez nem chegue a ser dinheiro mal gasto. E a pergunta, lá no fundo, continua:

— Mas tantos há que nem para os medicamentos têm dinheiro, nem para a renda da casa ou para darem de comer aos seus filhos ou aos seus avós...!?

E... apetece-me dar sem medida! Depois, lá vêm as justificações e os compromissos. Fico a pensar que, afinal, também eu vivo com certo «luxo», mas logo me parece que ele é apenas o mínimo a que tenho direito.

Luísa»

«Embora tardiamente, envio a mensagem (...) que escrevi aos Amigos na passagem dos meus 75 anos. E não nos conhecemos, apesar de ser assinante d'O GAIATO há mais de quarenta anos.

A vida profissional ocupava a maior parte do meu tempo, mas tinha sempre, e tenho, uns momentos livres para ler O GAIATO, chegando ao fim mais rica e corajosa para trabalhar e aliviar... todos os que precisam da minha ajuda.

Para comemorar a data que refiro, envio 75 florinhas que distribuirão conforme entenderem...

Assinante 844»

«Juntamente vai uma migalha com muito carinho e um bem haja a O GAIATO, pois nele tenho aprendido a amar cada vez mais tudo o que me rodeia, a ser mais humilde e a aceitar todos os contratemplos da vida sem revolta e com um obrigado ao nosso Pai do Céu.

Nunca nos abandones jornal O GAIATO! Esta família sente muita felicidade quando abre a caixa do correio e vê-te ali cheiinho de coisas belas e os nossos corações enchem-se de alegria por termos um amigo tão fiel e tão maravilhoso a entrar no nosso lar.

Assinante 28795»

«Aproveito para acusar a recepção do vosso segundo jornal. Muito sinceramente, li-os com interesse e emocionaram-me bastante.

Aqui deixo a minha prece ao Senhor para que derreta um pouco do gelo existente em tantos corações, para não virarem as costas ao seu semelhante. Envio o nome e direcção de uma nova assinante, uma jovem de 20 anos que

não ficou insensível às minhas palavras.

Assinante 12671»

«Venho pedir o favor de transferirem a assinatura com o nome da minha mãe para o meu, uma vez que está já ao lado do Senhor Jesus. Ela adorava receber O GAIATO e eu quero dar seguimento àquilo que tanta alegria lhe dava — e tanta paz a mim oferece.

Votos de muita paz e muito amor em Cristo Jesus.

Bem hajam!

Assinante 14832»

«Bons amigos: A Avó envia, em vale postal, a minha contribuição para o ano de 1986. São apenas 500\$00. Pode ser, quando eu for grande, também aumento esta assinatura que não tem preço. Tenho 6 anos feitos no dia 27 de Outubro de 1985 e já ando na Escola.

Um beijinho para todos.

Rezem por mim!

Assinante 5777»

«Venho mostrar como estou grata, por quase há um ano ser assinante d'O GAIATO, jornal que muito aprecio e é lido na minha casa por todos com o maior carinho.

Digo todos, mas excepto uma filha muito querida que não sabe ler por ser atrasada mental. É uma cruz muito grande que suportamos com amor, mas peço a caridade de a meter nas vossas orações. Não queríamos deixá-la sem pais, pois não temos mais filhos nem pessoas muito chegadas. Para se dizerem estas coisas — devem calcular — é com o coração a sangrar...!

Assinante 22913»

«Segue um vale de correio para a assinatura d'O GAIATO. Este ano vai atrasado, pois gosto de o enviar por volta do dia 7 de Janeiro, aniversário da Obra da Rua e também do assinante 13677.

O nadinha que vai a mais é para ajudar a expansão d'O GAIATO, um jornal maravilhoso, quase divino. Tão bem faria a todos — se por todos fosse lido! É que, como escreveu uma vez o Padre Carlos, ser assinante d'O GAIATO não é recebê-lo, é lê-lo.

Judite»

IMPORTANTE

Sempre que o Leitor nos escreva — por mor d'O GAIATO ou de livros da Editorial — faça o favor de indicar o número da assinatura e o nome e endereço em que recebe as nossas edições.

DOS LEITORES

OBRA DA RUA

«A herança de Pai Américo será perpétua, gravada e compreendida até nos corações mais empedernidos. No mundo conturbado e alienatório em que estamos inseridos, a Obra da Rua é uma bênção divina. Dela sai uma aragem de reflexão para crescermos ainda mais no trabalho de amor ao Próximo.

Pai Américo, nas suas profecias, deixou as raízes que proliferam para entrarem nos corações mais fechados. Ele deu de comer, limpou e protegeu milhares de crianças da Rua — «Lixo» que converteu em homens de bem.

Assinante 27238»

□

«Que facilidade de expressão tinha o Pai Américo de nos transmitir Doutrina!... Foi por ele que a minha fé avivou. Sou vicentina; mas, infelizmente, muito pouco dou. Gostaria de ser melhor.

Recordo-me muito bem de ver e ouvir Pai Américo na igreja do Marquês (Porto). TI-

nha eu 17 anos. Fiquei extasiada. Cheguei a casa e contei a minha mãe. Estava, se fosse possível, uma tarde a ouvi-lo, falando das crianças, traduzindo tal e qual a maneira de ser delas, quando sentem carinho e afago aqueles que nunca o conheceram.

Sou do tempo do Júlio Mendes que frequentou comigo a Escola Comercial de Mouzinho da Silveira, no Porto.

Quando casei e tive possibilidades (já tinha nascido o meu filho), seguimos no comboio visitar a Casa do Galato. Não há palavras que traduzam a Obra da Rua, especialmente o Calvário! Que Deus vos ajude, pois o nosso Pai Américo, no Céu, vela por ela.

Maria da Luz»

□

«Amal-vos uns aos outros como Eu vos ame!» Esta a Mensagem mais maravilhosa que só Alguém como Ele nos poderia ensinar.

Nunca em tempo algum, em escola alguma ou o maior sábio

nos transmitiu Mensagem tão simples, mas cujo conteúdo encerra aquilo que deve haver de mais verdadeiro na dinâmica da nossa vida: o Amor.

A Obra da Rua é uma das expressões mais ricas daquela Mensagem. Os seus servos são discípulos de Jesus Cristo e os seus «Batatinhas» um rebanho que inclui, sem dúvida, homens que farão o mundo do amanhã.

Porque eu considero que todos temos uma palavra ou um gesto em prol da Obra da Rua, além da minha contribuição envio os nomes e respectivas moradas de alguém para quem O GAIATO constitui um «alerta», um chamamento como resposta à Mensagem que Jesus Cristo nos deixou e à qual não podemos ficar indiferentes.»

□

«O pouco que li — digo-o com sinceridade — nas obras do Padre Américo, muito me comoveu pela simplicidade das

suas palavras, contando-nos os mais pequenos pormenores do dia-a-dia nas Casas do Galato, daquelas crianças a que a vida não sorriu, ao mesmo tempo que nos transmitem tão profundos e nobres ensinamentos de que não nos devemos jamais esquecer.

Como jovem (tenho 22 anos e sou estudante), sou muito sensível ao problema das crianças que sofrem e que se não fosse a pronta acção e carinho do Padre Américo e da Obra da Rua seriam pura e simplesmente abandonadas à triste sorte. Só tenho a agradecer tudo o que, hoje, dá os seus frutos.

Junto a minha contribuição. Talvez seja pequena, não sei; mas de uma coisa estou certo: é do coração.

Assinante 37503»

□

«Vai atrasada a minha pequena oferta para a Obra da Rua. Cem anos que vivesse, não chegavam para satisfazer este meu desejo de participar, enviando o que será sempre muito pouco, por conta dos belos li-

vros do Padre Américo que me regalo de ler — do Pão dos Pobres ao Doutrina.

As vezes, apetece-me ir por aí fora e gritar aos homens o seu erro. O Padre Américo só deu amor. Não precisou de comícios nem de políticas. Só amor. Tanto que ele ainda chega aos nossos pobres corações — tristes e envelhecidos.

Deus vos continue a ajudar, ajudando quem tanto precisa, aqui e por aí além — onde há tanta fome de Amor!

Assinante 19305»

□

«Pena é que a Pedagogia do Pai Américo não seja seguida em certas instituições...!

Bom seria que também para as meninas pobres houvesse mais uma Obra — orientada por senhoras ou religiosas — que, seguindo aquela Pedagogia, salvasse tantas meninas que se perdem por falta de apoio.

Escrever isto é fácil, dar-lhe execução... só alguém com o espírito e a santidade de Pai Américo!

Assinante 6304»

As nossas edições

TRIBUNA DE COIMBRA

■ Neste tempo de contrastes à volta da instituição Família, não resistimos a levar aos vossos olhos e ao vosso coração uma carta e um grito de alarme:

«Somos dois jovens namorados. Um de nós trabalha (estágio) e o outro está a acabar o curso. Não temos garantias de emprego estável, não temos casa para irmos habitar.

Temos família, temos o pão de cada dia. Por isso, queremos partilhar e sermos um pouco solidários com aqueles que menos têm. Junto vai a nossa contribuição para ajuda, ameaçada como segue:

Um de nós tem o vício do tabaco. Cada cigarro fumado obriga a uma taxa de 5\$00, que o outro controla rigorosamente.

O outro tem outro vício: o do consumo de jornais e revistas de automóveis e aos quadradinhos. Por cada artigo adquirido, a taxa é de 10% do seu custo.

Tudo somado, e ao longo de vários meses, deu o valor que enviamos.»

■ No mesmo dia em que o correio trouxe a carta e o cheque veio um rapaz, ainda novo. Aspecto triste e humilde. Vinha pedir ajuda para comprar uma casinha, já velha. Há meses, juntou-se a uma rapariga mãe-solteira. Ele pensa casar. Prometi-lhe que ia ver.

Passados dias fui. Ao chegar à povoação, recebi certos risos. Meias palavras a encobrir a situação. Ela já o tinha abandonado e estava junta a outro, com uma filha sem pai e mais um no ventre para nascer.

Era noite. A noite entrou-me toda no coração. Regressei a casa com a tarde perdida.

■ No caminho ruminei os dois contrastes deste dia. Dois namorados que se amam, há anos, e o amor leva-os à procura da perfeição. Renúncia do que não é necessário à vida e partilha pelos que menos têm. Entre-ajuda dos dois a caminho da família sã que querem constituir. Estão no bom caminho! Os outros dois que se juntam. As mães ensinaram-lhes caminhos duvidosos — com o seu exemplo de vidas arrastadas. Ela já marcada pela vida passada. Ele, por bondade, tem sido escravizado por muitas circunstâncias. Naquele fim-de-semana, ao chegar a casa, o rapaz, mais uma vez, chorou a sua «má sorte».

Que estes dois contrastes e testemunhos alertem todos os jovens a fazer do seu namoro uma caminhada de encontro, de perfeição, sem que os meros sentimentos dominem o caminho futuro. O encontro é fácil. A caminhada feliz é de heróis.

Padre Horácio

«No Natal, pedi o envio do livro A Porta Aberta. É uma maravilha! A pessoa lê e pensa...

O meu filho, que é Professor de Filosofia e de Moral, muito o apreciou e saboreou. Decidiu levá-lo para as aulas de Moral e ler passagens aos seus jovens. Sabem o que aconteceu? Quando chega para dar as aulas, os jovens perguntam logo se vai ler o Pai Américo!

Como sabem, é muito difícil dar aulas de Moral e encontrar tema ou assunto que interesse a estes jovens. Algo tocou os seus corações. Disso não há dúvida.

O meu filho pede o envio de mais um livro A Porta Aberta para oferecer a uma colega, professora de História, da Igreja Ortodoxa. É curioso!

Assinante 7412»

«Agradeço a gentileza do envio, pela segunda vez, do livro A Porta Aberta, em substituição do primeiramente enviado e que, por distração minha, levou sumiço... Já não pensava mais em saborear tal livro de horas. Mas este chegou e, como a seguir me calhou ter uns dias livres, embrenhei-me ávido e pressurosamente na sua leitura, que agora acabei, contente por tê-lo feito antes de ser reabsorvido pela engrenagem do quotidiano. Explicada a razão desta carta, bem

haja pela delicadeza e pela consoladela espiritual que me proporcionaram.

Comentários? Filhos, quase página a página, dialogando, como que meditando e rezando, mas não vou repetir os meus já lugares comuns. Resumo, enfim, o que todos sentimos e sabemos: os escritos de Padre Américo são frescos e sempre actuais como o Evangelho. É um intuitivo superior, iluminado, criador, é dotado de alta sensibilidade — um enamorado da Natureza e um apaixonado Pai que se desfaz em desvelos, sendo ao mesmo tempo compreensivo e firme nos valores fundamentais. A sua vida e a sua obra são uma lição, onde, lida, relida e tornada a ler, aprendemos sempre. Os seus livros são os livros de horas de hoje. E paro, que o tema é inesgotável.

P. S. — Dêem parabéns à senhora Dra. Maria Palmira Moraes Pinto Duarte pela muito feliz colectânea de textos do Padre Américo e pelos seus igualmente felizes e apropriados comentários.

Um bom trabalho pedagógico e antológico.

Assinante 21742»

«Junto envio o necessário para a minha assinatura e o livro A Porta Aberta. Não sei exprimir tudo o que senti ao lê-lo, mas só sei dizer que a

«Porta» do meu coração ficou mais «Aberta» para ajudar essas crianças que aí aprendem a ser homens, depois de terem conhecido o pior. Nunca tinha pensado na vossa Obra, como agora penso. Por ser mãe de sete filhos, hoje já criados, sei o sacrifício constante a que eles nos obrigam... Penso que aí o problema será idêntico, pois são uma grande Família. Ajudando essas crianças sei que estou ajudando a tornar um homem mais feliz. Que o Senhor me ajude a poder cumprir a tarefa a que me propus.

Peço as vossas orações. Eu já rezo todos os dias por todas as crianças.

Assinante 37558»

«Recebi o livro A Porta Aberta de que muito gostei. Já o li todo; no entanto, penso retomá-lo para retirar alguns tópicos que me agradaram de um modo especial. Grande obra do Padre Américo!, compilada pela Dra. Maria Palmira Duarte.

Aproveito para fazer uma breve referência a O GAIATO — das melhores leituras que me chegam às mãos. Aprecio imenso a vossa maneira de educar através do trabalho e também alguns artigos de âmbito social. Na verdade, há tanto a fazer e tão pouca motivação...!

Assinante 2050»

AQUI LISBOA!

«A principal missão dos verdadeiros chefes é servir os seus súbditos. Descer. Debruçar-se. Sentir. Amar. Quem assim fizer em lugares de supremo comando, será verdadeiramente supremo. Jamais se rebaixa, por muito que se humilhe.» (Pai Américo)

Houve eleições cá em Casa. Neste número d'O GAIATO o cronista dará conta do evento. A Comunidade escolheu livremente os seus chefes, sem propaganda, demagogia ou promessas tão em voga no comum dos casos. «Chefe, na nossa doutrina, quer dizer servo da Comunidade. (...) Chefe — tarefa terrível esta! Só quem por ela passou é que sabe. Sujeito a tudo, incompreendido por vezes, lutando contra as adversidades.»

Os actos eleitorais em nossas Casas são momentos muito sérios, parte integrante da pedagogia da Obra da Rua. E assim há quase 50 anos. A solemnidade que imprimimos aos actos eleitorais funda-se na grandeza da missão que é confiada aos eleitos. Não se trata de satisfazer ambições mesquinhas, pessoais ou de grupo, nem sempre, como todos sabemos, muito límpidas nos seus objectivos ou processos.

Os chefes sabem que a sua função é servir. Cada um «não deve esperar benefício de ninguém por exercer este doloroso cargo. Quanto mais fielmente cumprir, tanto mais se eleva no conceito de todos; e colhe, assim, o prémio de servir». Sim, servir, porque «o chefe é uma pessoa responsável» que «tem a obrigação de velar pelo bem da Comunidade» e não

Aniversário d'O GAIATO

Cont. da 1.ª pág.

Também tu, com o teu carinho por ele; com a tua escuta atenta à voz do Pobre; com a transmissão desta voz ao Outro, para que este acenda a sua luz e muitos mais vejam.

Comunicar este Fogo é evangelizar. Todos devemos, pois «apraz à sabedoria de Deus salvar os homens pela simplicidade do Evangelho, servindo. Se de coisas e pessoas pequenas e simples».

Assim, querido O GAIATO, as tuas páginas serão o caminho dos Outros — e nestes encontraremos o Senhor.

Termino com as palavras de Pai Américo no teu terceiro aniversário: «Que o nosso Bom Deus faça de ti um instrumento de Paz».

Ergamos a taça, queridos Leitores!

Padre Telmo

servir-se e aos seus «compadres» como o mundo ensina, ou melhor, deturpa. Esta a doutrina, mau grado o egoísmo e o não te rales que há em cada um de nós.

A quem é responsável por uma Casa destas importa sempre para que os outros colham, apagando-se tanto quanto possível e escondendo as suas próprias preferências. De resto, dum modo geral, acaba por prevalecer o bom senso nas decisões dos colégios eleitorais. «A nossa Obra é um pequeno mundo. Condiz com a pessoa humana. Está certa. Há divergências, simpatias, opiniões, zaragatas. Gosto assim. Deus fez o homem livre — uma verdade eterna. E deu-lhe a inteligência de limitar a sua liberdade e de aceitar de outros limites razoáveis. Tudo me é permitido, mas nem tudo eu posso fazer — eis de como o Apóstolo fala da liberdade. Amo esta liberdade, quero que ma respeitem e quero respeitá-la. A doutrina do Inferno assenta na liberdade do ho-

mem.» Assim escreveu Pai Américo.

◆ Não sabemos se nestas colunas já referimos um aforismo popular muito utilizado por Amigo nosso: «Muito ajuda quem não estorva». Seja como for, vem tal a propósito do chamado «fundo de apoio térmico» que a E. D. P. cobra a instituições como a nossa, que estão ao serviço da Comunidade. O mesmo se diria do «imposto de esgotos» que nos é colectado pela C. M. de Lisboa, em virtude do nosso Lar.

Parece-nos, senhores governantes, que deveríamos estar isentos de tais encargos. Em Novembro/Dezembro pagámos de energia eléctrica cerca de 170 contos! Destes, 12,5 foram de apoio térmico. Que não nos queiram ajudar, ainda vá. Bom seria, porém, que não nos estorvassem...

◆ Uma boa notícia para os nossos Amigos da Capital: As Festas vão reatar-se. Os Rapazes tal decidiram. A seu

tempo diremos do local, da data e da hora. Preparamos, assim, o centenário do nascimento de Pai Américo.

Padre Luiz

Crónica do Tojal

ELEIÇÕES — «Nós somos os orientadores de nós próprios.» Realizámos, em 8 de Fevereiro, a nossa eleição de chefes. Estiveram presentes, no acto eleitoral, o nosso Padre Luiz, o sr. Professor, o Henrique (de Paço de Sousa) e o Fernando Pinto (de Setúbal), ambos escrutinadores, e todos os rapazes com mais de 14 anos, um ano de Casa e que já tenham feito o exame da quarta-classe.

Para a eleição do chefe-maior, os rapazes elegíveis tinham que reunir as seguintes condições: Maiores de 16 anos, um ano de Casa, o exame da quarta-classe e não serem incorporados no serviço militar em 1986. Assim, com «duas» palavras, o nosso Padre Luiz iniciou um dos actos mais importantes na vida da Comunidade. Rezámos uma Avé-Maria a Nossa Senhora e pedimos a Pai Américo que nos iluminasse.

Foi eleito chefe-maior com 23 votos, maioria absoluta, o Diamantino de Araújo Ferreira, de 18 anos, carpinteiro, que está conosco há 9 anos. Para sub-chefe foi eleito, à segunda volta, o José Caseiro Cardoso com 20 votos; tem 18 anos, é carpinteiro e gaiato há 5 anos. O José António Nunes Ferreira foi eleito para segundo sub-chefe com 17 votos; tipógrafo, estudante no 8.º ano de escolaridade, tem 17 anos e é nosso desde 17 de Janeiro de 1977.

Recordamos aos outros candidatos que, apesar de não eleitos, não podem dispensar-se das responsabilidades na Comunidade. A Obra da Rua somos nós... Nenhum membro da Comunidade pode sentir-se desvinculado dos seus deveres, entre os quais se conta o de colaborar com o chefe eleito. Pai Américo afirma: «A principal missão dos verdadeiros chefes é servir os seus súbditos.» Todos nós sabemos o que os chefes das nossas Casas sofrem — com sacrifício e dedicação. Passam privações como é próprio de quem toma os comandos da responsabilidade, da justiça e do carinho.

Que Deus os ilumine e lhes dê muita força para servirem — como todos esperamos.

José Manuel dos Anjos

BARREDO

Cont. da 1.ª pág.

0,8 metros quadrados por habitante.

Alguns exemplos que talvez nos ajudem a sensibilizar melhor os níveis de habitação que se atingiram: Num prédio com cinco andares moravam 32 famílias num total de 182 pessoas. Em outro, de quatro andares, 36 famílias com 202 pessoas. E ainda noutro, de três andares, 31 famílias e 144 pessoas.

Poucas famílias dispunham de mais de dois aposentos. A maioria, cerca de 60%, só de um. E casos havia de esse único aposento ser partilhado por mais de uma família.

O aposento era sala, cozinha e quarto de dormir de verdadeiras colmeias humanas.

Dependências higiénicas, uma em cada andar, quando não era uma para todo o prédio... ou nenhuma. Só 23% tinham instalações sanitárias com água e a maior parte delas utilizadas por várias famílias. Água no alojamento, apenas 33% a tinham, 22,5% tinham-na no andar e 14,8% no prédio. Os outros 29,7% tinham de recorrer aos dois fontanários públicos ali existentes.

Electricidade, geralmente havia. Mas os sub-alugues cortavam a luz às 21 e 30 horas e a iluminação durante a noite tinha de ser com velas ou candeeiros de petróleo, o que tornava o ambiente daqueles quartos interiores peçados de gente, ainda mais pestilento.

«Terra de mártires» lhe chamou Pai Américo com que razão!

Como se fora pouco este panorama, na década de 60 vai

agravar-se com a afluência à cidade de imigrantes, estranhos à zona mas que nela vêm procurar abrigo. No início da operação Barredo, a população local subira de 2209 a cerca de 3000 habitantes. Armazéns desocupados (sobretudo na Fonte Taurina) são transformados em albergarias; e todos os lugares até então vazios — sótãos, vãos de escada, patamares... — são aproveitados para habitação.

Alguns inquilinos das casas subalugam quartos mobilados e outros espaços, num processo de exploração em que não participavam os senhorios nem os proprietários dos prédios. Era o sistema do «sub-aluga-suga», denominação odiosa que o povo lhe dava. Tudo era alugado: móveis, louças, talheres... — alugado, geralmente, ao dia, à semana e, mais raramente, ao mês. Os sub-inquilinos nada podiam levar. Nem lá cabia! «A mobília deles era uma mala.»

Das famílias que viviam em quartos interiores, 83% apenas dispunham de uma cama, dormindo juntas várias pessoas de idade e sexo diferentes; e, quantas vezes, os gavetões serviam de berço às crianças.

Este o Barredo que Pai Américo conheceu e denunciou. Um Barredo que, depois da sua morte, sofreria ainda agravamento na sua degradação — e agora, felizmente, vai ressuscitando.

Quem dera fosse já a hora do segundo volume de O BARREDO! Não será, enquanto a recuperação não for total e a vida, ali, plena. Nem a certeza do que está feito, fundamentando a esperança maior de que o que resta fazer se fará, nos

dispensa de continuar a denúncia dos barreiros que ainda são e podem, como vai acontecendo ao Barredo, ressuscitar também.

Assim «os homens cansados de novas e constantes experiências», não tomem esta como uma canseira e vão, com a volubilidade de crianças cansar-se noutras experiências — que esta, levada ao fim, lhes dará descanso, descanso de consciência.

Padre Carlos

Nota da Redacção: As informações estatísticas foram colhidas do relatório de um «Seminário sobre a Sociedade Portuguesa — Questões Urbanas», elaborado por Alunos do 5.º ano de Sociologia do Instituto Superior de Ciências Técnicas e Empresa; e de um artigo do Dr. Allan Williams, um homem que veio ao Porto, conheceu o Barredo e regressou a Inglaterra para estudar português e voltar no ano seguinte a fim de produzir o trabalho excelente que publicou em Town Planning Review, vol. 51 — n.º 2, de Abril de 1980.



Na festa d'O GAIATO, a imagem 'doutro' — fruto da Obra da Rua: o Celso (que se fez homem na Casa do Gaiato de Paço de Sousa) mais Isabel, após a cerimónia nupcial na igreja de Vilar do Paraíso.



Gaiato

Director: Padre Telmo Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administ.: Casa do Gaiato-PAÇO DE SOUSA-4560 Penafiel-Tel. 952285
Comp. e impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato-Paço de Sousa-4560 Penafiel

Depósito Legal n.º 1239

Tiragem média por edição no mês de Fevereiro: 57.805 exemplares.